

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CINEMA DE ANIMAÇÃO E ARTES DIGITAIS

GUILHERME BARBOSA SOUTO

**Estratégias de composição visual no longa-metragem
de animação *Pocahontas*, dos estúdios Disney**

Belo Horizonte,

2023

GUILHERME BARBOSA SOUTO

**Estratégias de composição visual no longa-metragem
de animação *Pocahontas*, dos estúdios Disney**

Artigo apresentado como requisito parcial para
conclusão de curso de graduação em Cinema de
Animação e Artes Digitais na escola de Belas
Artes da UFMG.

Orientador: Pedro Aspahan

Belo Horizonte,

2023

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o filme de animação *Pocahontas* (EUA, 1995, de Mike Gabriel), com ênfase nas relações entre a história e a composição visual. Para isso, serão observadas suas propostas visuais, seu processo de construção e a forma das composições de sua narrativa visual, que tem como enredo a colonização europeia e o conflito com os povos originários da América do Norte. Metodologicamente, esse trabalho utiliza da análise da composição nos quadros, observando a recorrência da relação entre as extremidades do quadro, e a representação dos mundos opostos aos quais eles se referem: 1) o lado esquerdo é relacionado com o universo indígena, a tribo (o povo), a aldeia, a personagem *Pocahontas*; 2) e o lado direito é relacionado aos colonizadores ingleses externos, ao personagem John Smith. Assim, é por meio destas categorias que analisamos o filme de animação *Pocahontas*.

Palavras-chave: *Pocahontas*; Animação; *Storyboard*; Estratégias visuais; Cinema, Análise filmica; Composição; Colonização.

Abstract

The objective of this work is to analyze the animated film *Pocahontas* (USA, 1995, by Mike Gabriel), with emphasis on the relationship between story and visual composition. For this, its visual proposals present in the storyboard will be observed, its construction process and the form of the compositions of its visual narrative, which has as its plot the European colonization and the conflict with the native peoples of North America. Methodologically, this work analyzes the composition of the frames, observing the recurrence of the relationship between the ends of the frames, and the representation of the opposite worlds to which they refer: 1) the left side is related to the indigenous universe, the tribe (the people), the village, the character *Pocahontas*; 2) and the right side is related to foreign English colonizers, to the character John Smith. Thus, it is through these categories that we analyze the animated film *Pocahontas*.

Key-words: *Pocahontas*; Animation; *Storyboard*; Visual resources; Cinema, Film analysis; Composition; Colonization.

Agradecimentos

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Ao professor orientador Pedro Aspahan, que durante este semestre me acompanhou pontualmente e me elucidou diversas questões, trazendo sempre reflexões interessantes para o meu trabalho.

Ao professor Leo Vidigal, que participou da banca e também apontou várias questões relativas às canções e a parte musical do filme, contribuindo para a riqueza da pesquisa.

Tenho sempre que ser grato. Por minha saudosa mãe Elaine, que sempre amarei e deve estar muito orgulhosa neste momento. Meu pai Sérgio, minha irmã Larissa, e toda a minha família. Minha companheira Laís, que não me deixou desanimar nesta reta final. Além de todos meus amigos que sempre estiveram comigo durante toda a jornada.



Figura 1: “Pocahontas vê a embarcação dos ingleses partindo no frame final do filme que se funde a uma moldura de quadro antigo.”

“Uma vez desfeito o enquadramento da pintura, aparece a borda da tela, o limite material da imagem: o *quadro-limite*. Limite físico, esse quadro é também e sobretudo um limite visual da imagem; ele regula suas dimensões e proporções; rege também o que chamamos de composição. Esta última palavra é, provavelmente, um pouco fraca, a tradição que a impôs jamais conseguiu realmente defini-la; mas basta, para torná-la um pouco mais consistente, acrescentar-lhe, por exemplo, uma hipótese um pouco precisa sobre o que podem ser, para o olho, proporções e relações plásticas.” (AUMONT, 2004, p. 113).

Introdução

O filme *Pocahontas: o encontro entre dois mundos*, lançado em 1995 e dirigido por Eric Goldberg e Mike Gabriel, retrata a história de *Pocahontas*, uma jovem indígena da tribo *Powhatan*, que desempenha o papel de mediadora entre os índios nativos e os colonizadores ingleses no século XVII. A narrativa da Disney apresenta um romance proibido entre Pocahontas e o Capitão John Smith, enquanto explora as diferenças culturais e tenta superar o conflito existente entre as duas comunidades.

Ao longo do filme, Pocahontas e John Smith compartilham conhecimentos sobre suas culturas distintas, promovendo um diálogo intercultural. No entanto, as circunstâncias históricas tornam o amor entre eles impossível, uma vez que a tensão entre os colonizadores e os nativos se intensifica. No desfecho, John Smith retorna à Inglaterra ferido, enquanto Pocahontas permanece em sua terra natal.

Pocahontas é notável por ser o primeiro filme da Disney baseado em "fatos reais", e apresentar uma protagonista não branca e não europeia. Pocahontas é retratada como uma personagem corajosa, habilidosa e com espírito livre, desempenhando um papel de mediadora cultural entre sua etnia e os colonizadores. O filme aborda questões contemporâneas da década de 1990 nos Estados Unidos, como

a relação do homem com a natureza e a maneira como os nativos americanos se conectavam com o ambiente natural.

A história de *Pocahontas* remonta ao período da colonização e invasão do "Novo Mundo" pelos ingleses no século XVII. A *Virginia Company* iniciou a jornada de colonização em busca de riquezas, mas encontrou os nativos *Powhatans*, um povo com uma cultura forte e habilidades políticas. O encontro entre essas duas culturas distintas marcou o início da jornada mítica de Pocahontas, representando o encontro entre o Novo e o Velho Mundo, uma narrativa que contribuiu para a construção do imaginário nacional dos Estados Unidos, sob a perspectiva do colonizador.

No entanto, é importante ressaltar que a narrativa do filme *Pocahontas* foi moldada por condições históricas e sociais específicas da década de 1990 nos EUA, quando começou a se consolidar uma maior necessidade da Disney em abordar temas ligados a outras culturas e ao diálogo intercultural. Trata-se de uma obra de ficção, baseada em fatos históricos, que reflete sobre as preocupações e os debates contemporâneos relacionados à identidade, diversidade cultural e relações interculturais. Mesmo assim, a Disney, no esforço de reescrever a história, incluindo a diversidade e a diferença própria aos povos tradicionais originários em sua narrativa, mantém um olhar colonizador, apaziguando os conflitos e produzindo um apagamento das diferenças, como veremos ao longo da análise.

A década de 1990, nos Estados Unidos, é de relevância para a análise não só pela emergência da globalização, do neoliberalismo e do multiculturalismo, mas também porque é conhecida como a do “renascimento dos Estúdios Disney”, ou *Disney Renaissance* (ALMEIDA, 2020). Nessa mesma década, houve lançamentos de uma série de animações com destacada qualidade gráfica e estilo, com grande sucesso de público, como, por exemplo *A Pequena Sereia* (1989), *Aladdin* (1992) e *Mulan* (1998). Estes dois últimos, junto a *Pocahontas*, são um conjunto de filmes da Disney que se esforçam para representar outras culturas, que fariam parte deste discurso multiculturalista e de abrangência ao qual se propõe os estúdios nesta época. Enquanto *Mulan* (1998) retrata uma história dos povos asiáticos, mais especificamente um mito chinês, *Aladdin* (1992) se preocupa em contar uma história árabe, também demonstrando este esforço em retratar histórias estrangeiras ou não americanas, a partir de um olhar multicultural norte-americano.

Seguindo um caminho proposto por Almeida (2020), a princípio, podemos perceber a estrutura do filme como uma linguagem cinematográfica linear, é comum nos filmes da Disney. O filme, então, tem começo, meio e fim, sem *flash-backs*. Mas nesse filme, há uma estrutura narrativa diferente, pois a história é contada tanto do ponto de vista inglês, quanto do ponto de vista dos *Powhatans*. O filme

também se utiliza de recursos audiovisuais, de forma pedagógica, para contar uma história, como ele se propõe a representar a história de Pocahontas. Sua escolha foi começar a partir da visão colonizadora dos ingleses, para depois apresentar os índios Powhatans e por fim, Pocahontas. Identificamos também que, apesar de carregar o título do filme, Pocahontas não é a única heroína da narrativa. O filme inverte a ordem lógica de narrativa apresentando primeiro o mundo comum de John Smith, nosso herói secundário, para depois mostrar o Mundo comum de Pocahontas.

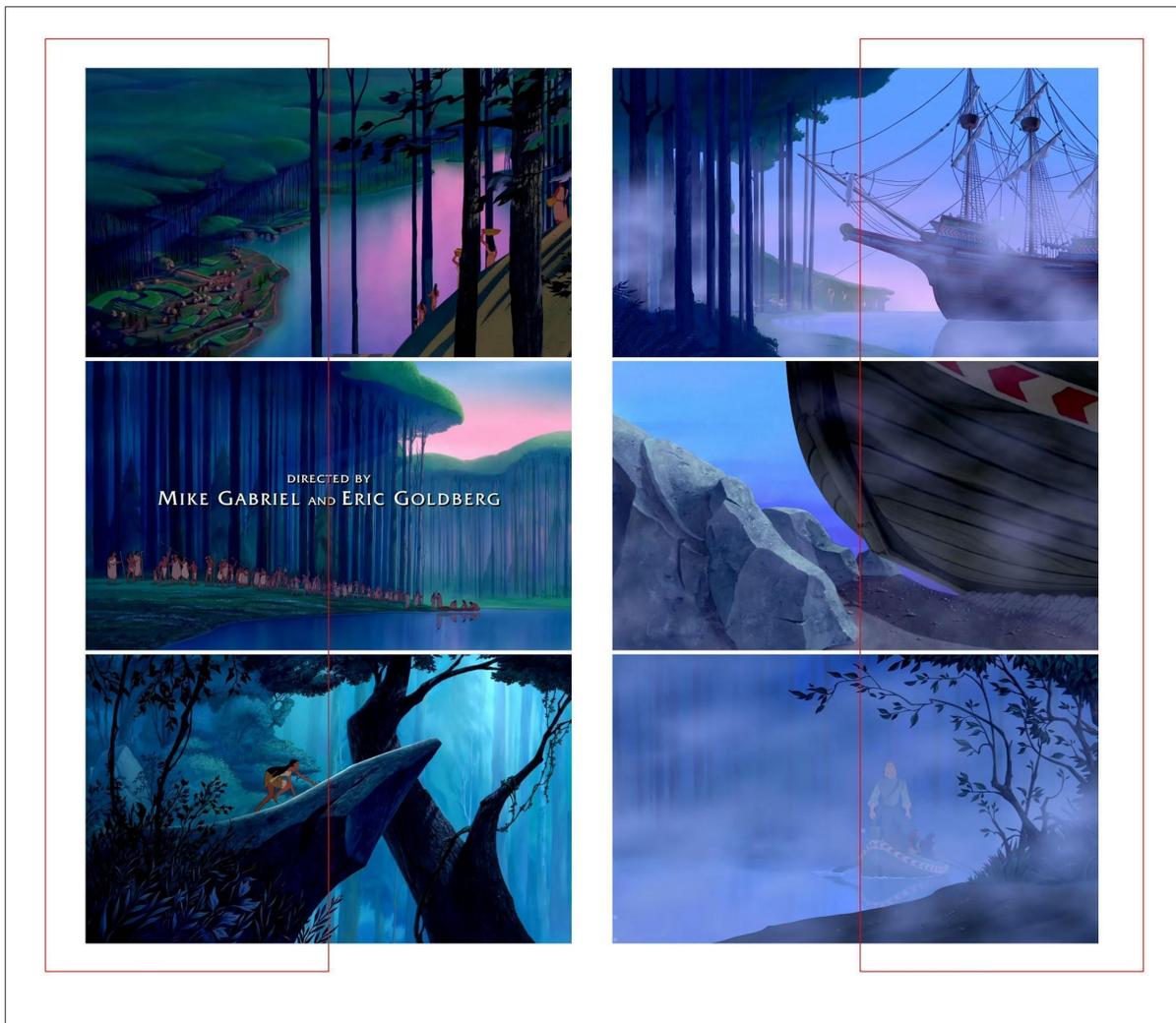


Figura 2: Em vários momentos vemos o reforço visual da composição dos frames.

Desde o início do filme, podemos observar que a localização dos personagens nos quadros apresenta uma caracterização marcante, com a personagem *Pocahontas* sendo sempre apresentada do lado esquerdo do “quadro” ou “quadro janela”¹, enquanto o colonizador, John Smith, é sempre apresentado do lado direito do quadro.

¹ Jacques Aumont se refere ao termo da seguinte maneira: “[...]esse quadro merece receber um nome que crie ficção: eu o chamarei, evidentemente, de quadro janela”. (AUMONT, 2004, p. 114).

De acordo com as imagens do filme, por meio de *screenshots* (figura 2), pode-se identificar o canto *esquerdo* associado à ideia de "lar", "natural", lugar ao qual pertence a personagem Pocahontas, "indígena". Na segunda coluna, podemos identificar o canto *direito* como "estrangeiro", "colonizador", "Inglaterra", o lugar do personagem explorador John Smith.

Os personagens são apresentados por meio da *montagem paralela*², o que cria uma relação de *expectativa* quanto ao encontro conflituoso entre esses dois mundos, e de que forma essas duas "extremidades" vão se chocar. No momento do encontro, o filme utiliza uma contraposição de elementos, deslocando os personagens na direção de um vazio a ser preenchido na composição dos quadros, e na composição da montagem, que movimenta e produz sentido para o espectador, por meio de direções guiadas. A personagem Pocahontas tende a se deslocar da esquerda para a direita, quando se trata do eixo horizontal da tela, enquanto seu polo oposto, o personagem John Smith, se movimenta da direita para a esquerda. Desta forma, percebemos que em algum momento haverá um encontro, sendo possível prevê-lo através do "espaço" que vai sendo preenchido, de dois mundos que estão destinados a entrar em choque. E, como já anunciado pelas imagens, a colisão acontece.

Pramaggiore e Wallis explicam que: Cineastas algumas vezes usam repetição de detalhes para criar paralelos. Um paralelo surge quando dois personagens, eventos e locações são comparados através do uso de um elemento narrativo ou visual ou sonoro. Quando isso ocorre, espectadores são encorajados a considerar suas similaridades e diferenças (PRAMAGGIORE, WALLIS apud ROCKENBACH, 2017, s.p).

Por meio dessa recorrência, podemos atribuir um conjunto de sentidos, mesmo que inconscientemente, aos espaços da tela. Um dos desafios deste trabalho é apresentar como se dão essas relações de sentido a partir do processo de construção da composição visual do filme, em função das diferenças entre os dois mundos conflitantes apresentados.

Para compreender a construção do roteiro e a representação dos recursos narrativos, é fundamental analisar os elementos presentes na obra, incluindo sua estrutura visual, aparatos técnicos e recursos expressivos. Neste estudo, daremos ênfase aos aspectos visuais, explorando também o uso das cores, enquanto deixamos de lado, por enquanto, a análise da parte musical. Embora seja importante destacar que, ao se configurar como um musical, o filme, mesmo que tenha feito uma pesquisa histórica, utilizando as cartas e poemas originais da personagem real para a produção das canções de Pocahontas, segue produzindo uma abordagem musical muito distante do universo indígena e

² Segundo Vanoye et. al, "a sequência "em paralelo": mostra alternadamente duas (ou mais do que duas) ordens de coisas (ações, objetos, paisagens, atividades etc.), sem elo cronológico marcado, para estabelecer, por exemplo, uma comparação." (VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, A.. *Ensaio sobre a Análise Filmica*. Campinas: Papirus, 1994. P 38)

etnográfico do qual ele parte. Ele acaba apresentando, novamente, o tratamento do texto das canções segundo o padrão de composição musical tradicional da Disney, com orquestração, abordagem vocal, coral e arranjos típicos da música européia ocidental. Isso reforça o nosso argumento com relação à leitura do filme, de que a Disney segue romantizando o mito, produzindo um apagamento das diferenças e reforçando o discurso próprio do colonizador, em detrimento das características e da alteridade próprias do universo etnográfico indígena do qual ele trata.



Figura 04: “O sentido e a direção” são a base de toda a narrativa do filme.

Nesse sentido, nossa análise está estruturada em três sessões: 1) *O Encontro de dois mundos*; onde serão apresentados os personagens principais, suas narrativas próprias, e percebemos as primeiras abordagens visuais do tema; 2) *O Embate: conflito entre as duas partes*; onde colocamos os dois mundos apresentados em contato e surgem os conflitos; e 3) *A Partida pacífica*; onde há a resolução do conflito e uma promessa de conciliação, mas ainda podemos perceber visualmente uma diferença existente entre os mundos. O texto possui ainda introdução e considerações finais.

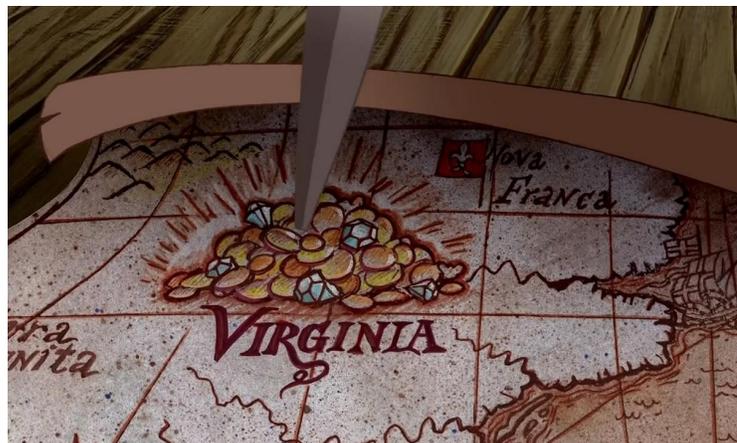


Figura 05: “O mapa também ajuda a localizar bem os lados no filme e define uma visão eurocêntrica dos ingleses.”

1) “O Encontro de dois mundos”

O filme começa apresentando uma imagem significativa, pois mostra um desenho antigo e amarelado da cidade de Londres em uma moldura pomposa e antiga como a de um quadro de museu, que se funde à imagem da partida da embarcação e sua tripulação da Inglaterra em direção ao “Novo Mundo”.



Figura 06 “A transformação do quadro antigo, com datas e molduras pomposas, propõe uma revisita a um fato histórico com um certo ar de propriedade.”

Essa primeira transformação do “quadro antigo” para a “imagem em movimento” (Figura 06) nos transmite a sensação de que o filme criou vida a partir da história, com elementos de legitimação histórica de sua narrativa. A cena de abertura chama a atenção para a narrativa de um ponto de vista histórico e legitimador, pois a cena se inicia da fusão de um quadro antigo de uma vista aérea de Londres para a animação. Esta estratégia narrativa dá legitimidade à história contada pela música, que também usa uma estratégia narrativa didática situando o espectador no contexto histórico das grandes navegações.

Desde o começo do filme podemos observar que há um enorme cuidado com a construção do posicionamento dos personagens na composição dos planos de forma bem marcada.



Figura 07 “John Smith: um mito e um personagem histórico, aqui representado como um grande explorador e aventureiro, porém um exímio exterminador de indígenas”

Somente após uma grande introdução dos ingleses, somos apresentados a Pocahontas e seu povo. Neste primeiro momento podemos perceber a composição dos quadros em uma montagem paralela de forma bem didática, posicionando muito bem os dois mundos em seus respectivos cantos, sempre o canto *esquerdo* como personagem *Pocahontas*, “indígena” e o canto *direito* como John Smith, “colonizador”.



Figura 08 ”Os nativos são apresentados voltando para casa.”

Uma questão abordada pelo filme é que apesar do título do filme ser *Pocahontas* ela não é a única personagem principal do filme, inclusive sendo a última personagem a ser apresentada. Logo após o título do filme vemos um indígena localizado à esquerda do quadro soando uma espécie de trombeta que anuncia a chegada ou o retorno dos Guerreiros indígenas para o seu lar. Nesta cena somos apresentados à tribo indígena, seus Anciões, e o líder, pai da Pocahontas

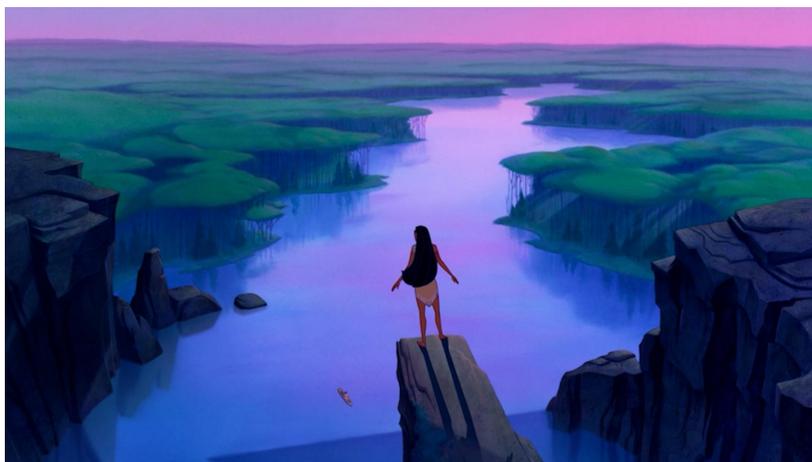


Figura 09: Na perspectiva da personagem os caminhos tortuosos estão sempre à direita.

Nesse trecho, somos apresentados à essência da personagem (Figura 09), que pula de cachoeiras, é brincalhona, mas também muito curiosa e exploradora, evidenciando seu espírito livre e aventureiro. Mas logo ela volta a sua tribo, localizada à esquerda do quadro, e tem sua primeira conversa com o pai. Durante esta conversa com seu pai, a questão central que emerge não é apenas a vontade de seguir um caminho diferente, mas sim a divergência em relação ao casamento. Enquanto seu pai deseja direcioná-la para um matrimônio que fortaleceria a tribo, Pocahontas se afasta, ansiando por liberdade e buscando trilhar seu próprio destino (Figura 10). A personagem insiste em seguir sua própria direção, desafiando as expectativas e tradições estabelecidas, e essa busca por liberdade se torna um elemento essencial tanto para Pocahontas quanto para a narrativa do filme.

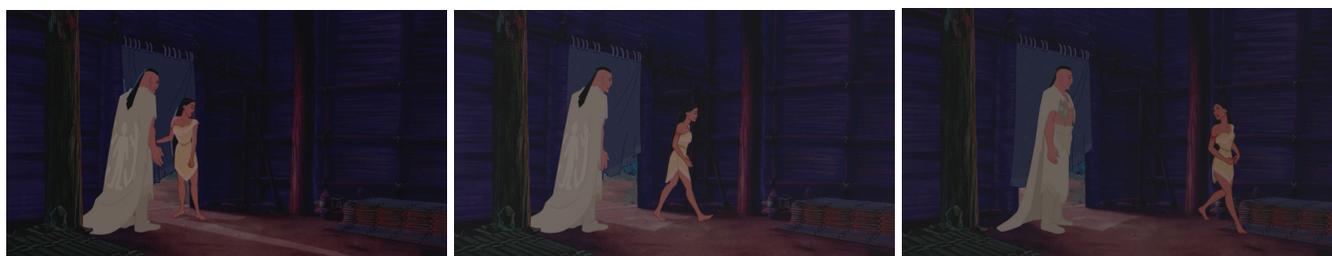


Figura 10: “Recusa dos valores tribais. Busca pelo próprio caminho. Discurso de liberdade individualista”

Este parece ser um discurso adotado pela Disney nos anos 90, onde há um apelo à liberdade individual acima de anseios coletivistas, ou uma forma de recusar costumes em favor de uma liberdade. Podemos também associar esta ideia há um ideia de globalização mundial onde o “berço” da liberdade global viria do espírito nativo norte-americano.

Logo após este momento. Na sequência que antecede o encontro dos dois mundos, Pocahontas busca aconselhamento com sua avó, que possui uma profunda conexão com a sabedoria ancestral (Figura 11). Durante a conversa, Pocahontas compartilha um sonho premonitório que carrega significado para os eventos futuros. Essa interação entre Pocahontas e sua avó enfatiza a importância da perspectiva indígena e do conhecimento transmitido ao longo das gerações.



Figura 11: O isolamento da personagem é reforçado tanto pela composição do frame como pela cor azul pesada em alguns momentos do filme, sugerindo profundidade.

A conversa com a avó, o sonho premonitório e a perspectiva indígena presentes na cena conferem profundidade temática e espiritual ao encontro iminente, estabelecendo as bases para o desenvolvimento da trama e das relações interculturais ao longo do filme.

Após o diálogo, Pocahontas posiciona-se no topo de uma árvore e avista as velas da embarcação inglesa (Figura 12). A câmera segue seu olhar, criando uma montagem paralela dinâmica que estabelece a relação entre sua visão e a aproximação da embarcação. Em um close-up, Pocahontas se aproxima, entre as pedras, simbolizando o ponto de contato com o rio quando a embarcação toca a beira.



Figura 12 “A aproximação”

Essa sequência marca o início do encontro físico entre os dois mundos e representa um momento de transgressão narrativa, em que o filme rompe as barreiras estabelecidas. Esse padrão didático é constantemente reforçado ao longo da introdução do filme, enquanto os mundos ainda permanecem isolados. A repetição visual e a composição cuidadosa nos permitem discernir claramente a diferença entre os dois lados aos quais os personagens pertencem, estabelecendo uma base para o conflito iminente e para a narrativa de um "amor impossível", nos moldes dos contos de fadas da Disney.

Até então, os dois personagens da história foram apresentados de forma paralela, seguindo a "regra" de cada um permanecer em seu próprio mundo. No entanto, no primeiro encontro de John Smith com Pocahontas na selva, ocorre uma inversão marcante na disposição dos personagens na tela, com o personagem masculino ocupando o lado esquerdo e Pocahontas surgindo no lado direito.

Nessa cena, podemos observar John Smith em silhueta, posicionado à esquerda do quadro, enquanto Pocahontas é vista através de uma cortina de água à direita (Figura 13).



Figura 13: “O encontro dos dois mundos, no mesmo quadro, porém em lados opostos.”

Após esse momento, ocorre um close nos rostos dos personagens, marcando um ponto crucial na narrativa. Em um plano mais amplo, vemos os dois personagens isolados, encarando-se intensamente. Nessa etapa da história, quando ocorre o primeiro encontro direto entre eles, ambos ocupam posições invertidas e espelhadas em relação ao que foi apresentado até então. Pocahontas está no lado direito, enquanto John Smith ocupa o lado esquerdo. Essa inversão carrega um significado profundo para a narrativa.

Essa sequência se torna de grande importância, pois estabelece uma conexão com a estrutura geral do filme. Ela provoca uma mudança na montagem paralela, tornando-se um momento central em que há uma completa inversão na posição dos personagens, despertando uma sensibilidade mútua em relação ao mundo do outro. A postura da câmera também se transforma. A partir desse ponto, a estrutura do filme é totalmente alterada, passamos a acompanhar o encontro dos protagonistas e, ao mesmo tempo, o conflito entre seus "familiares", reforçando assim um arquétipo semelhante ao de "Romeu e Julieta" na trama.

Nesse momento, John Smith tenta seduzir Pocahontas ao descrever as maravilhas de sua cidade, mencionando casas magníficas com prédios altos que se assemelham a árvores. Pocahontas demonstra interesse em conhecer Londres, porém, quando Smith afirma que ensinarão a eles como usar melhor a terra e construir casas bonitas e confortáveis, Pocahontas se sente ofendida e argumenta que eles não são selvagens e suas casas são excelentes. Surge um conflito entre eles devido à atitude depreciativa do

inglês em relação aos indígenas, levando a uma discussão sobre o que é considerado civilizado e selvagem. Na tentativa de amenizar o desconforto, Smith afirma que não a considera selvagem, mas Pocahontas rebate dizendo "apenas o meu povo". Fica evidente que a Disney teve a intenção, embora de maneira ainda superficial, de instigar uma reflexão sobre os conceitos de "selvagem" e "civilizado", sendo essa discussão recorrente ao longo de todo o filme.



Figura 14: No final desta sequência a personagem se evade do quadro e se encaminha de volta para a sua aldeia, localizada como sempre, à esquerda da composição.

2) “O Embate: conflito entre as duas partes”

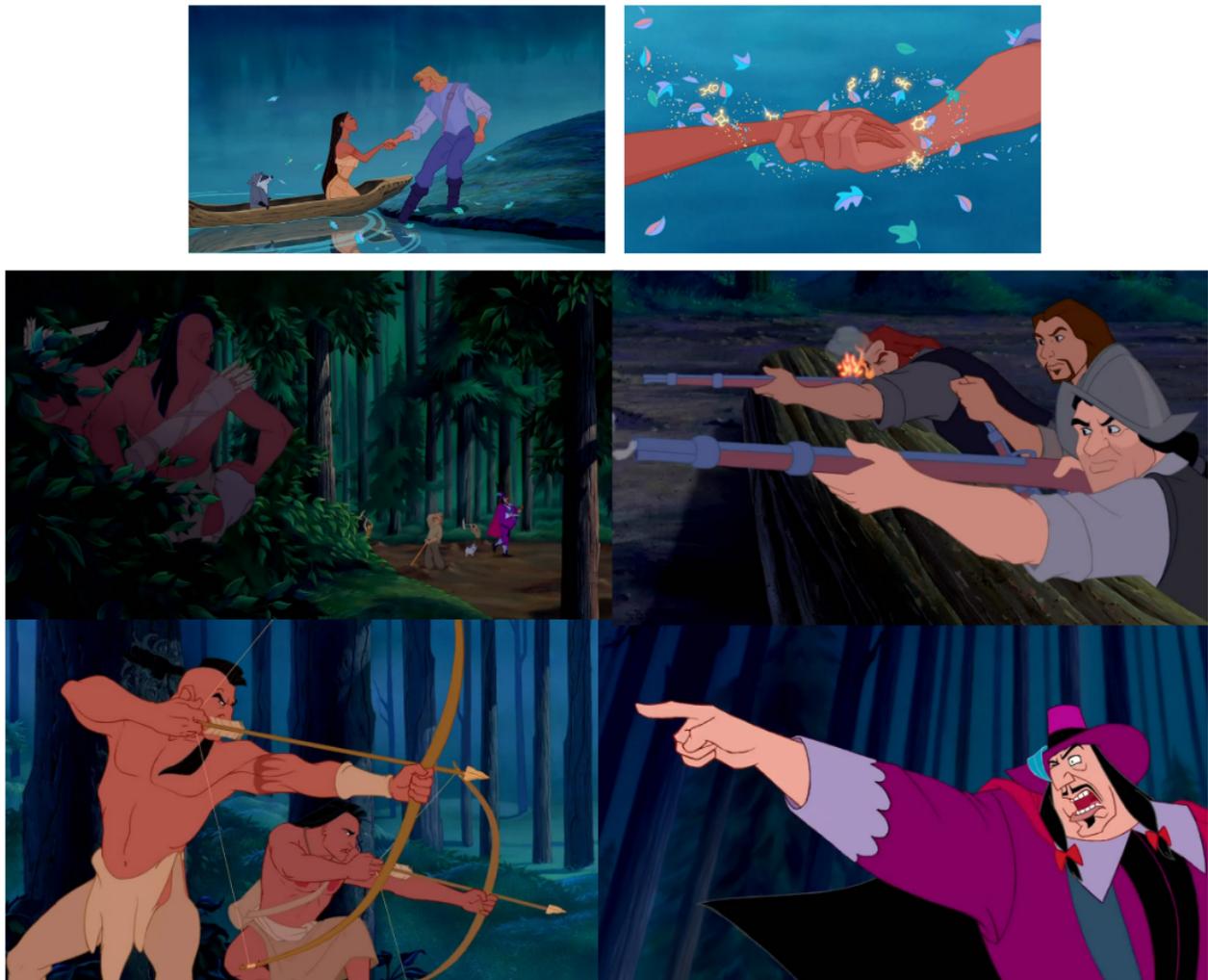


Figura 15: A partir deste momento do filme a montagem paralela muda sua dinâmica, enquanto o encontro romântico entre Pocahontas e John Smith acontece, vemos os primeiros conflitos entre sua tribo e os exploradores ingleses.

Durante a pesquisa para a elaboração deste artigo, nos deparamos com a tese de doutorado de Raija Maria Vanderlei de Almeida, intitulada *O mito Pocahontas na Disney Renaissance: Das narrativas de um mito fundador aos dilemas identitários dos Estados Unidos na década de 1990* (ALMEIDA, 2020). Essa tese desempenha um papel fundamental no enriquecimento do presente estudo, ao abordar o conflito entre o mundo indígena e o mundo colonizador, e refaremos alguns dos caminhos oferecidos pela autora ao longo do nosso artigo. Almeida oferece uma reflexão aprofundada sobre o tema, embasando-se em referências importantes, como Tzvetan Todorov (1993 apud ALMEIDA, 2020), que discute a relação entre "nós" e "os outros", a diversidade dos povos e a unidade

humana. Todorov destaca a complexidade dos discursos, que vão além das suas representações e constituem motores históricos, envolvendo questões de unidade, diversidade, universalidade, relatividade e as relações entre os grupos sociais e a diversidade humana. A tese de Almeida, ao contextualizar o filme "Pocahontas" nesse debate mais amplo, fornece bases teóricas relevantes para a compreensão do conflito retratado na obra cinematográfica.

Além disso, a pesquisa de Almeida também aborda a noção de Orientalismo, conforme discutida por Edward Said. A questão do Orientalismo desempenha um papel crucial na análise das representações de outras culturas exploradas neste estudo, especialmente no que diz respeito à forma como o Ocidente percebe o Oriente e estabelece relações de poder e dominação, tanto no âmbito econômico quanto cultural (ALMEIDA, 2020, p. 166).

Said argumenta que o Orientalismo é um discurso sistemático criado pela cultura ocidental com o objetivo de manipular e produzir uma imagem imaginária do Oriente, estabelecendo uma rede de interesses que influencia qualquer representação desse espaço. A cultura europeia, segundo o autor, fortaleceu sua identidade ao contrastar-se com o Oriente, retratando-o como inferior, negativo, violento e não próspero, enquanto se colocava como superior, positivo, pacífico e próspero (SAID, 2007 apud ALMEIDA, 2020). Essa construção discursiva da identidade a partir do "outro" levanta questões sobre unidade e diversidade, o universal, o singular e o individual. Diante disso, surge a indagação sobre qual discurso foi produzido e disseminado pela Disney durante a década de 1990 em relação aos americanos e outras culturas, e por que a empresa escolheu abordar o tema da colonização dos Estados Unidos por meio do mito de Pocahontas como base para a criação de um longa-metragem de animação. Essas questões serão exploradas ao longo deste estudo, levando em consideração as contribuições teóricas de Almeida, Todorov, Said e outros estudiosos relevantes para a compreensão das representações e dos discursos presentes no filme Pocahontas.

De volta à narrativa do filme, durante o momento de conflito em Pocahontas (figuras 15 e 16), os indígenas capturam John Smith e se preparam para executá-lo, enquanto os exploradores ingleses se preparam para atacar os indígenas em defesa de seu companheiro. As tensões estão altas e a atmosfera é carregada de hostilidade.

Enquanto isso, nuvens escuras se formam no céu, e a fumaça dos incêndios provocados por ambos os grupos sobe, criando uma imagem visualmente impactante. A fumaça se mistura e se entrelaça no ar, formando um raio que divide a tela em duas partes, separando claramente os indígenas e os exploradores.



Figura 16: A cena que antecede o clímax do filme, uma grande preparação para um desfecho violento.

Essa divisão visual reflete a profunda polarização entre os dois grupos, destacando as diferenças culturais e ideológicas que os separam. Os personagens estão estrategicamente posicionados nos frames, evidenciando a tensão e o confronto iminente.

A cena transmite um sentimento de imprevisibilidade e potencial para a violência. Através da composição visual cuidadosamente construída, a cena encapsula a intensidade do conflito entre os indígenas e os exploradores, enfatizando a difícil coexistência entre essas duas culturas em conflito.

Como aponta Almeida (2020), durante esse momento de conflito, ambos os lados proferem, de forma intensa, o grito de guerra "Selvagens!", de acordo com a autora essa cena também leva a refletir

sobre as ideias discutidas por Edward Said (1993), sobre a relação entre "Nós" e "Os Outros", a falta de tolerância em relação à diversidade e a dificuldade em lidar com diferentes povos e a unidade humana.

Por outro lado, o gesto da Disney de colocar os dois lados opostos se atacando e atribuindo ao grupo oposto o adjetivo de *Selvagem*, acaba por produzir uma igualdade entre as diferenças, como se os dois universos distintos, fossem, na verdade, iguais. Mais uma vez, ele produz um apagamento da diferença e das singularidades que compõem os dois universos distintos, colocando ambos os lados em pé de igualdade.

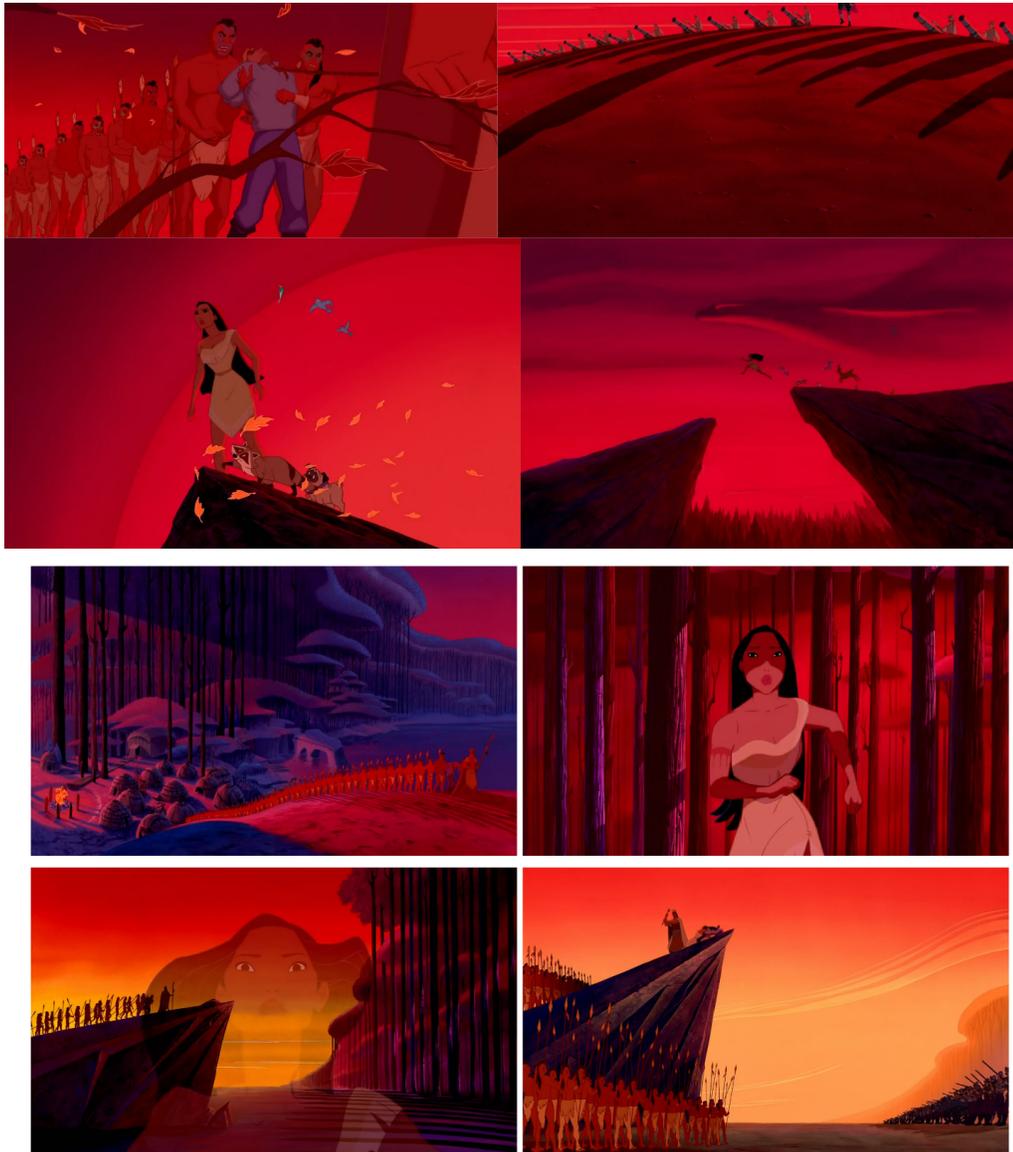


Figura 17: “O salvamento de John Smith. Fato já retratado anteriormente em outras obras de artes e documentos históricos, porém representado aqui com um ar mais romantizado aos moldes de princesa da Disney.”

Esta é a sequência de clímax do filme (Figura 17), ao entardecer, onde aconteceria a execução do John Smith, pela morte do índio da tribo Powhatan. Os colonos ingleses também se preparam para um embate, como visto anteriormente. As cores se fundem para um vermelho intenso e a separação nos quadros neste momento é super clara e dividida. Enquanto o conflito se encaminha para a colisão vemos Pocahontas correr para tentar impedir o conflito. Quando a vemos de frente, ela ocupa o centro do quadro e se aproxima cada vez mais da lente, demonstrando ser a peça chave para uma possível resolução do conflito. Quando a vemos de lado, podemos perceber que ela faz o caminho da direita para esquerda, voltando para sua tribo e em uma cena icônica ela atravessa um precipício, num salto, demonstrando como ela é um ponto de ligação, interlocução entre os dois lados. Vemos a personagem de frente novamente e a sua silhueta se funde em fade-out para a cena da execução de John Smith. Após a intervenção da Pocahontas, o seu pai, líder da tribo, reconsidera a execução, em um clamor de paz e união entre os povos, e o filme se encaminha para uma conciliação. Segundo Almeida:

Tanto no mito quanto no filme, Pocahontas faz esse papel de “ligação” entre os povos e as culturas, de não pensar unicamente entre “nós” e os “outros”, mas apresentando uma preocupação com o coletivo, para além das diferenças, sem pensar em relações construídas apenas pela lógica da dominação, apesar de demonstrar ser também uma peça no jogo do poder.

Nesta sequência, ela rompe barreiras, ultrapassa limites e desafia o poder instaurado e as decisões de uma iminente guerra. Impede heroicamente um ciclo de destruição que fatalmente iria se iniciar ali e inicia um novo ciclo de paz e possibilidade de “união” entre os povos. (ALMEIDA, 2020, p. 190)

Apesar da intervenção da Pocahontas, o vilão do filme arranca uma arma da mão de seus companheiros e tenta atingir o chefe da tribo que é salvo heroicamente por John Smith que se joga na frente. O ferimento de John Smith é um dos motivos de sua volta para casa a fim de ser medicado adequadamente para o tipo de ferimento. O filme se encaminha para a parte final aqui descrita com “A partida pacífica” como veremos a seguir.

3) A “Partida pacífica”: Cinema e História, Mitos e Memórias



Figura 18: A partida pacífica

Na sequência da "partida pacífica" em Pocahontas, há um vazio entre os dois lados na cena, apesar do conflito ter se encerrado, parece que as diferenças ainda permanecem presentes. Os indígenas são retratados como benevolentes e dóceis, perdoados os ingleses pela morte de seu integrante e fornecendo mantimentos aos estrangeiros para sua partida. Fica evidente que as barreiras culturais entre os colonizadores ingleses e os nativos americanos ainda persistem, mesmo após os eventos anteriores. Pois, o quadro ainda permanece com uma clara separação de posições, além das tonalidades pastéis de rosa e azul bem delimitadas que ajudam a reforçar esta distância. Assim, a separação construída ao longo do filme, entre "nós e os outros", continua presente mesmo após a aparente "dissolução" do conflito.

A atmosfera ainda é permeada por tensão e incerteza. Os colonizadores ingleses preparam-se para partir, desmontando o acampamento e organizando seus pertences para retornar à Inglaterra. Enquanto isso, os nativos americanos observam atentamente, testemunhando o desenrolar dos acontecimentos.

A composição visual da cena destaca as diferenças culturais e a separação entre os dois grupos. Os trajes, as estruturas e os utensílios dos colonizadores ingleses contrastam com a exuberância da natureza e os trajes tradicionais dos nativos americanos. Essa representação visual reforça a distância existente entre as duas culturas e a persistência das barreiras que as separam.

A trilha sonora e a linguagem cinematográfica acentuam a melancolia e a sensação de despedida. Esse momento de partida pacífica suscita reflexões sobre a dificuldade de alcançar uma coexistência harmoniosa e uma compreensão mútua entre colonizadores e nativos americanos. Mesmo com o fim imediato do conflito, as diferenças e desigualdades persistem, perpetuando a ideia de "nós e os outros" presente no filme.

Conforme apontado por Almeida (2020), filmes e outras produções culturais possuem o poder de influenciar e intervir na sociedade, exercendo uma pressão pedagógica que deve ser analisada criticamente. Silva (2009) destaca a importância de considerar as múltiplas temporalidades da cultura visual e sua relação com a história e a poética.

Nesse sentido, é fundamental realizar uma análise equilibrada da construção da personagem Pocahontas, valorizando seu protagonismo feminino e indígena, ao mesmo tempo em que se questionam as representações simplificadas e estereotipadas presentes no filme. É necessário abordar temas relevantes, como o conflito entre colonizadores e nativos, levando em conta as contradições e limitações da abordagem da Disney.

Em suma, a cena da "partida pacífica" em Pocahontas evidencia que, apesar dos eventos anteriores, superar as barreiras culturais e estabelecer um diálogo verdadeiro entre as partes ainda são desafios a serem enfrentados. A "dissolução" do conflito não implica a dissolução das diferenças, pois o legado do "nós e os outros" continua presente, trazendo à tona questões complexas sobre identidade, poder e compreensão mútua.

Conclusão

Estratégias de composição visual no longa-metragem de animação Pocahontas, dos estúdios Disney

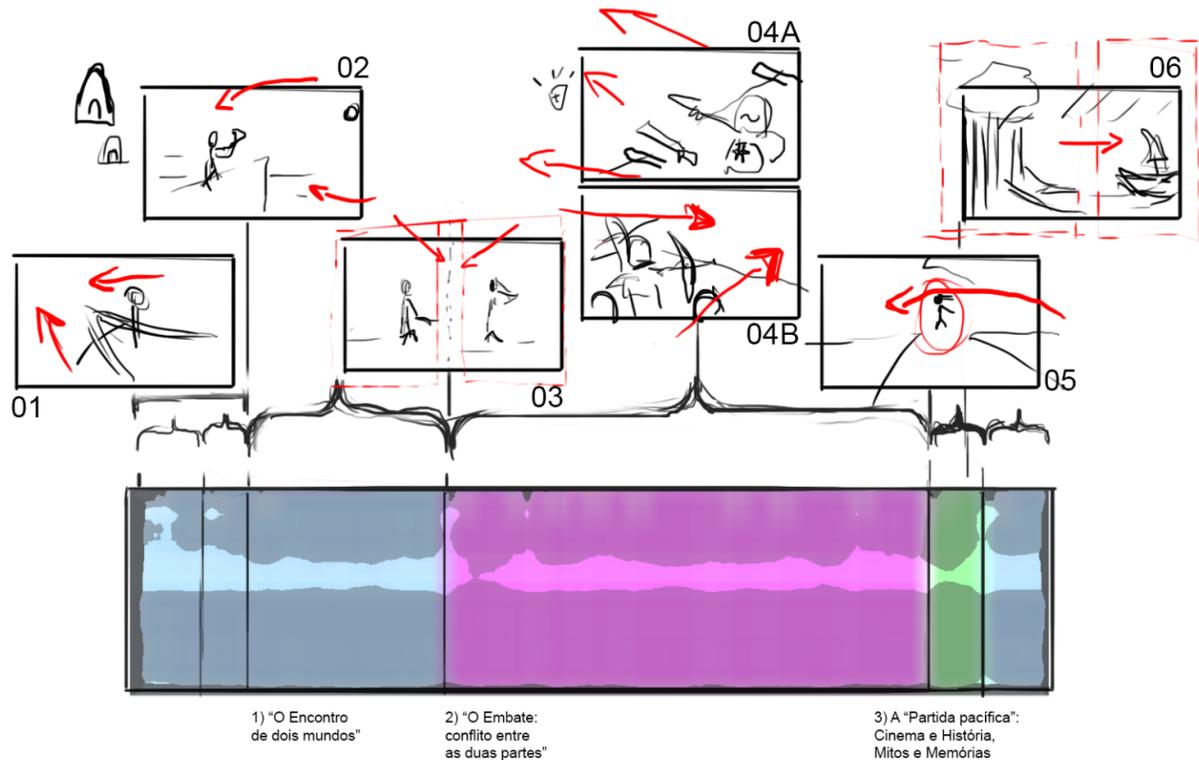


Figura 19: Diagrama da estrutura do filme

Durante o estudo do filme deparamos com a necessidade de demonstrar visualmente como ocorrem as mudanças de estrutura no filme, levando-nos a produzir um diagrama (Figura 19) com alguns momentos importantes dessas viradas que reforçam os detalhes que abordamos durante o estudo.

No quadro 01 temos tanto a composição que ocupa o lado direito quanto a intenção em relação ao lado esquerdo, esta forma de composição acontece durante todas as cenas da apresentação dos ingleses (Figura 07). No quadro 02 temos a apresentação dos povos indígenas, representados dentro da composição no lado esquerdo (Figura 08). O quadro 03 é o primeiro encontro entre Pocahontas e John Smith (Figura 13). Nos quadros 04A e 04B temos a representação da montagem paralela do início do conflito (Figura 15). No quadro 05 temos o frame onde a Pocahontas faz a ligação entre os dois mundos (Figura 17) e no quadro 06 a representação gráfica do que seria a "A partida pacífica" (Figura 18).

Ao longo deste artigo, buscamos demonstrar como se estabelecem as relações entre a composição visual e o desenvolvimento da forma filmica, na relação com a história e com a narrativa. Ao se apropriar do mito de *Pocahontas*, a Disney busca reescrever a história, no intuito de reposicionar a marca Disney no mercado dos anos de 1990, voltada para a valorização das diferenças e de vários povos tradicionais. No entanto, pudemos observar, ao longo da análise, que o seu discurso continua a reafirmar os valores coloniais, eurocêntricos, ao romantizar a história e produzir um verdadeiro apagamento das diferenças e dos conflitos históricos.

Em conclusão, a análise crítica do filme *Pocahontas* nos leva a questionar as representações históricas no cinema e destacar a necessidade de uma abordagem responsável e precisa. A pesquisa acadêmica desempenha um papel fundamental ao desafiar narrativas dominantes e revelar distorções que perpetuam estereótipos prejudiciais.

É crucial reconhecer a importância da diversidade e da inclusão nas narrativas cinematográficas, buscando permitir e promover que vozes antes marginalizadas e de grupos minoritários possam participar efetivamente, a partir de seu próprio ponto de vista, na construção da história. Ao celebrar e honrar diferentes perspectivas e experiências, podemos construir um cenário mais inclusivo e justo.

Um caminho possível de desenvolvimentos futuros desta pesquisa, poderia apontar para um mapeamento dos inúmeros coletivos de produção cinematográfica independente compostos por povos indígenas e que vêm realizando, nos últimos anos, uma série de filmes, inclusive no campo da animação, como é o caso do trabalho dos cineastas maxacalis³. Que tipo de mudança de paradigma esta visão poderia oferecer na dinâmica da forma filmica e inclusive da própria sociedade?

Assim, é essencial encorajar um engajamento amplo com a temática, incentivando a busca por outras fontes e a ampliação de conhecimentos sobre os eventos históricos retratados. Ao questionar, aprender e evoluir, estamos contribuindo para uma sociedade que valoriza a justiça, a inclusão e a igualdade. Que essa reflexão nos inspire a continuar a explorar e a desafiar as representações históricas no cinema, promovendo uma compreensão mais profunda e uma apreciação da riqueza das diferentes culturas e perspectivas.

³ Cf. DUARTE, Daniel. ROMERO, Roberto. TORRES, Junia. (orgs.). *Cosmologias da imagem: cinemas de realização indígena*. Belo Horizonte: Filmes de Quintal, 2021. Disponível em: <https://www.filmesdequintal.org.br/2022/06/20/lancamento-do-livro-cosmologias-da-imagem-cinemas-de-realizacao-indigena/> - Acesso em 14/06/2023.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raija. “*O Mito Pocahontas na Disney Renaissance: Das narrativas de um mito fundador aos dilemas identitários dos Estados Unidos na década de 1990*”. Raija Almeida; orientador Marcos Silva. São Paulo 2020.”

ANDRADE, Ana Lúcia. *O filme dentro do filme: a metalinguagem no cinema*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 1999.

AUMONT, Jacques. *O olho interminável*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CARRIÈRE, J. C. *A Linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

COSTA, Antônio. *Compreender o cinema*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

DUARTE, Daniel. ROMERO, Roberto. TORRES, Junia. (orgs.). *Cosmologias da imagem: cinemas de realização indígena*. Belo Horizonte: Filmes de Quintal, 2021. Disponível em: <https://www.filmesdequintal.org.br/2022/06/20/lancamento-do-livro-cosmologias-da-imagem-cinemas-de-realizacao-indigena/> - Acesso em 14/06/2023.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ROCKENBACH, Fábio Luís. Como realizar uma análise fílmica? Revista Moviement, 2017. Disponível em: <https://medium.com/cena-a-cena/como-realizar-uma-an%C3%A1lise-f%C3%ADlmica-64a6b3c07bc8> . Acesso em 14 jun. 2023

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, A.. *Ensaio sobre a Análise Fílmica*. Campinas: Papirus, 1994.